

MERCADO ABERTO

MARIA CRISTINA FRIAS cristina.frias1@grupofolha.com.br

Com atraso, crise faz furto de energia subir

O furto de energia aumentou devido à crise econômica, afirmam executivos de distribuidoras elétricas.

A Aneel (agência que regula o setor) mede as perdas da indústria e as divide entre técnicas e não técnicas —é nessas últimas que estão os roubos, junto aos erros de medição, de faturamento e outros desvios.

No ano passado, a média do índice de perdas totais foi de 10,89%. Nos 12 meses que

terminaram em 17 de maio, era 13,02%, diz a agência.

O principal fator por trás das variações são as perdas não técnicas, segundo executivos de distribuidoras. As outras são mais constantes.

Em 2015, os indicadores ainda melhoraram —o impacto da crise econômica na quantidade de crimes demora a ser notado, segundo Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil.

“Dava para antever o fenô-

meno [da alta de ligações clandestinas], mas não para prever o nível, até porque é preciso ver como as empresas e o poder público vão reagir.”

A tendência é que isso cresça a velocidades mais altas.

“É como uma epidemia, o furto começa a ser disseminado e cresce a oferta de agentes especializados em ligações clandestinas.”

Um diretor de uma concessionária do Rio, onde os índices são historicamente altos,

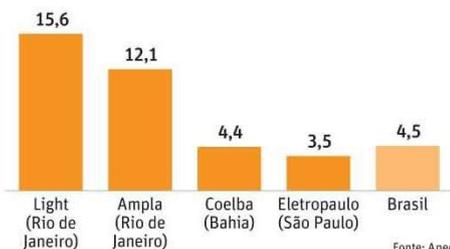
diz que à crise econômica soma-se um recrudescimento da violência em áreas urbanas, o que dificulta a fiscalização e punição ao delito.

A expectativa é de piora nos próximos meses.

As distribuidoras desse Estado enfrentam índices maiores do que 12% só de perdas não técnicas. Na Eletropaulo, que atende a região metropolitana de São Paulo, esse número foi 3,5% em 2015, segundo a Aneel.

GATOS PELO BRASIL

Perdas não técnicas por distribuidora em 2015 (em %)



Fonte: Aneel

O furto de energia aumentou devido à crise econômica, afirmam executivos de distribuidoras elétricas.

A Aneel (agência que regula o setor) mede as perdas da indústria e as divide entre técnicas e não técnicas —é nessa última que estão os roubos, junto aos erros de medição, de faturamento e outros desvios.

No ano passado, a média do índice de perdas totais foi de 10,89%. Nos 12 meses que terminaram em 17 de maio, era 13,02%, diz a agência.

O principal fator por trás das variações são as perdas não técnicas, segundo executivos de distribuidoras. As outras são mais constantes.

Em 2015, os indicadores ainda melhoraram —o impacto da crise econômica na alta da quantidade de crimes demora a ser notado, segundo Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil.

“Dava para antever o fenômeno [da alta de ligações clandestinas], mas não para prever o nível, até porque é preciso ver como as empresas e o poder público vão reagir.”

A tendência é que isso cresça a velocidades mais altas.

“É como uma epidemia, o furto começa a ser disseminado e cresce a oferta de agentes especializados em ligações clandestinas.”

Um diretor de uma concessionária do Rio, onde os índices são historicamente altos, diz que à crise econômica soma-se um recrudescimento da violência em áreas urbanas, o que dificulta a fiscalização e punição ao delito.

A expectativa é de piora nos próximos meses.

As distribuidoras desse Estado enfrentam índices maiores do que 12% só de perdas não técnicas. Na Eletropaulo, que atende a região metropolitana de São Paulo, esse número foi 3,5% em 2015, segundo a Aneel.